

**VI Colóquio Internacional**

**“Educação e Contemporaneidade”**



**São Cristovão-SE/Brasil  
20 a 22 de setembro de 2012**

**PONTOS DE CONFRONTO E DISCURSO: OS DISCURSOS  
FEMININOS SOBRE EDUCAÇÃO**

**Jaqueline Lima Fontes<sup>i</sup>**

**Maria Leônia Garcia Costa Carvalho<sup>ii</sup>**

Eixo temático: Estudos da linguagem

**Resumo**

Neste trabalho, analisamos discursos de autoria feminina, pelo viés da Análise do Discurso, identificando neles pontos de confronto com outros discursos, sejam estes de autoridades ou da sociedade em geral. Os discursos analisados retratam, através das marcas lingüísticas presentes nos textos, a condição da mulher sergipana frente à educação do Estado. Para tanto, recorreremos a estudos da história de Sergipe a fim de entender as condições de produção desses discursos. Nossas análises, de orientação pecheuxtiana, objetivam demarcar posições de confronto com a formação discursiva dominante e de como o sujeito (no caso, as mulheres) se constitui na rede de sentidos que é o discurso. A fundamentação teórica foi desenvolvida a partir das leituras de obras de Pêcheux (1988), Orlandi (2005) e Mariani (2006), entre outros.

**Palavras chave:** discursos femininos; confronto; resistência e educação.

**Resumen**

En este trabajo, analizamos discursos de autoría femenina por medio del Análisis del Discurso, identificando en estos puntos de confrontación con otros discursos, sean estos de autoridades o de la sociedad en general. Los discursos analizados retratan, a través de las marcas lingüísticas presentes en los textos, la condición de la mujer sergipana delante a la educación del Estado. Por lo tanto, recurrimos a estudios de la historia de Sergipe a fin de entender las condiciones de producción de estos discursos. Nuestras análisis, de orientación pecheuxtiana, pretende demarcar, en los discursos, posiciones de confrontación con el formación discursiva dominante y de como el sujeto (acá, las mujeres) se constitui en la red de sentidos que es el discurso. La fundamentación teórica fue desarrollada a partir de las lecturas de libros de Pêcheux (1988), Orlandi (2005) e Mariani (2006), entre otros.

**Palabras clave:** discursos femeninos, confrontación, educación.

## 1. Introdução

Em Sergipe, a manifestação de discursos femininos em mídia impressa se deu paulatinamente, à medida que o Estado se inseria na era da industrialização (principalmente com o surgimento de fábricas e indústrias) e contratava mulheres para suprir a demanda de trabalhadores nas empresas. A partir da primeira metade do século XX é que os discursos femininos ganham maior respaldo no cenário sergipano, emergindo em alguns jornais da capital e do interior e, sobretudo, na Revista Renovação<sup>1</sup>.

Em virtude de um sistema patriarcal, cuja ideologia vigente marcava as formações discursivas da família, da instituição escolar, da religião dominante, da Ciência, afirmando que o papel primordial da mulher era o de companheira e mãe, que era menos inteligente que o homem e mais fraca fisicamente, competia-lhe apenas o papel de mera dona de casa e mãe de família, restringindo-se seu espaço ao lar.

A luta pela educação feminina foi bastante árdua, pois em Sergipe o sistema patriarcal, além de persistente e rígido em relação aos direitos femininos, tinha o apoio da sociedade como um todo. A memória discursiva de que a mulher nascera para o casamento e a maternidade era corrente em todo o Estado e, desde cedo a mulher era preparada para exercer essas funções que incluíam, também, os trabalhos domésticos, tais como cozinhar, lavar, passar. Aquelas de família mais abastadas administravam o trabalho das escravas e mucamas, mas seu espaço continuava o mesmo.

Com a criação de escolas de primeiras letras para a mulher no início do século XIX por decreto de D. João VI, é que algumas mulheres tiveram acesso ao estudo. Mesmo assim havia diferenças entre as escolas masculinas e femininas, pois enquanto as masculinas se voltavam para preparar para o trabalho no campo ou na sociedade, as femininas se preocupavam em desenvolver habilidades domésticas. Dessa forma, a luta feminina por educar-se foi paulatina e penosa.

---

<sup>1</sup> A Revista Renovação foi idealizada pela advogada Sergipana Maria Rita Soares de Andrade, circulando pela capital a partir de 1931 e persistindo até 1934 (sendo que, em 1933 não houve circulação da revista – não se tem registro de possíveis motivos para esse “silêncio”).

Não lhe era permitido estudar, trabalhar fora do ambiente doméstico ou manter vida social. É em meio à precariedade da vida, às injustiças trabalhistas, à falta de emprego, e principalmente o espaço na sociedade, que a mulher vai buscar emancipar-se, mostrar seus talentos, sua inteligência, sua força, com o objetivo de não só mostrar à população do que é capaz, mas também conquistar um espaço que por direito também era seu.

No final do século XIX e início do XX, Sergipe entra na era da industrialização, as cidades crescem e o capitalismo emergente degrada as condições de vida da população, sobretudo dos ex-escravos, das classes trabalhadoras e mais carentes. As mulheres, em decorrência das duras dificuldades do cotidiano urbano, logo se viram obrigadas a incorporarem-se a esse contingente de trabalhadores, algumas como professoras primárias e secundárias (carreira a que tinham maior acesso, uma vez que havia sido fundada a Escola Normal, além de ser considerada profissão adequada para as mulheres), outras como costureiras, empregadas domésticas ou tecelãs.

Em verdade, a Escola Normal em Aracaju foi, por um longo tempo, uma instituição de formação feminina que visava aumentar a instrução e formar boas mães e donas de casas, sendo o magistério um curso destinado à mulher por ser visto como prolongamento das atividades maternas (Novaes, In: Freitas, 2003, p. 33). Em 1922, o Curso Complementar oferecia as disciplinas de Economia Doméstica, Educação Moral e Cívica, Higiene e Geral, Higiene Infantil, Arte Culinária e Música às jovens que não queriam se formar para o magistério.

Dessa forma, em decorrência das duras dificuldades do cotidiano urbano, as mulheres ou se dedicavam ao magistério, ou incorporavam o contingente de trabalhadores, engrossando as filas de desempregados nos portões das fábricas. É válido salientar, porém que, ainda no século XIX, em grandes centros industriais do mundo, homens e mulheres, até crianças em tenra idade, eram levados aos pátios de produção, sujeitos a tarefas muitas vezes quase suicidas, em troca de salários ínfimos, especialmente os de mulheres e crianças, pouco se preocupando seus patrões com a qualidade de vida e a sobrevivência dessa gente, reduzindo-a, não raro, a condições até inferiores à de escravo brasileiro.

Embora se constatasse um grande avanço econômico no Estado, não existe sinal de que ele tenha beneficiado a vida do operário. Os trabalhadores, em geral, sofriam penosas condições de trabalho, submetidos a altas jornadas e baixos salários, situação que se agrava entre mulheres, crianças ano 1910, entidade de fôlego e importância para a classe operária sergipana.

Nessa época, surge uma voz feminina em defesa da educação das mulheres operárias como forma de terem melhores condições sociais e de integrá-las à coletividade, que foi a médica Ítala da Silva Oliveira. Aqui, algumas de suas palavras:

Educar a mulher quer dizer preparar gerações futuras para o trabalho e para o engrandecimento da pátria, porque Ella, companheira do homem e sua auxiliadora na educação da prole, há de instruindo-se compreender a honradez em que se consiste e compreendendo-a forçosamente transmitirá aos filhos as noções desta virtude (Diário da Manhã, 28/05/1916, Ano VI, p.2)

Na década de 1930, com o advento dos movimentos operários, as mulheres assumem uma postura que as fazem romper o silêncio imposto pela sociedade, mobilizando ações a favor de melhores condições de trabalho. Passam a clamar por seus direitos, visto que elas compunham maioria no quadro de funcionários das fábricas, e sofriam injustiças, como assédio dos patrões, falta de leis que amparassem as gestantes, péssimos salários, entre outros. Nessa mesma década, mais precisamente em 1931, surge a Revista Renovação, em cuja estrutura encontra-se espaço para publicações literárias, anúncios de emprego, crônicas e artigos que tratam dos manifestos feministas. Este periódico foi de suma importância para a mulher sergipana que, através dele, pode transmitir à sociedade seus anseios e receios e trabalhar em prol de seus direitos, fazendo valer sua voz.

No que tange à educação, não foi diferente: as sergipanas que sabiam escrever, sobretudo as de classes mais abastadas, utilizavam-se de jornais como A tribuna (1930), Sergipe – Jornal (1930), Vida Laranjeirense (1930) e a Revista Renovação para articular discursos que não só promoviam o debate sobre assuntos relacionados às escolas como também afrontavam o governo sergipano e seus representantes, ora demonstrando interesse na participação de tomadas de decisões na área da educação, ora destacando os problemas decorrentes de ações mal elaboradas pelo Estado.

A presente pesquisa tem como objetivo mostrar como as mulheres inseriam-se na mídia impressa sergipana buscando, através de seus discursos, elevar suas vozes ante a sociedade sobre as questões educacionais. Pretende-se investigar, em suas práticas discursivas, os pontos de confronto com os discursos sobre educação correntes, ou mesmo se divergiam entre si. O respaldo teórico para a pesquisa foi a teoria do discurso de Michel Pêcheux (1988), bem como leitura de outros autores da Análise do Discurso (AD) francesa, a

saber: Orlandi (1988), etc. Marianni, além de outros autores que discorreram sobre a história de Sergipe, a exemplo de Nunes (1984).

## **2. Considerações iniciais sobre a Análise do Discurso**

A Análise do Discurso (nesta pesquisa, a de linha francesa), é um campo de conhecimento que aborda o sujeito em suas variadas relações sociais mediadas pelo discurso. Ao analista cabe penetrar na materialidade lingüística e atravessar a opacidade da língua, à medida que busca as relações de sentidos do discurso em suas condições de produção e a(s) posição(ões) que o sujeito assume em seu meio social. Michel Pêcheux (1988), fundador da Análise do Discurso de linha francesa, elege o discurso como objeto de estudo, por ser ele “o ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos lingüísticos” (BRANDÃO, 2004).

Nessa perspectiva, a AD situa o sujeito na história, visto que ele interage com seu meio social, participando na constituição das relações discursivas. Ao falar em sujeito histórico, a Análise do Discurso se refere ao mesmo tempo a um sujeito ideológico, que fala de um lugar social e traz na composição de seu discurso formações ideológicas (sendo estas as que dão sustentação ao dizer). Segundo Orlandi (2005), a Análise do Discurso “considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer”.

Por existirem ideologias diferentes é que existem posições que se confrontam nos discursos. Segundo Bakhtin, a língua é uma arena de embates. E é através desses embates que se constroem os sujeitos enquanto seres históricos e sociais. As posições que os sujeitos se inscrevem se referem às formações ideológicas, que, por sua vez, designam aquilo que pode e/ou deve ser dito pelo sujeito. É através das formações ideológicas, que comportam as formações discursivas, que há o reconhecimento do sujeito na sociedade, propiciando a construção de sentidos em sua relação com os demais.

### **Análises e discussões**

No texto “a influência da mulher na educação”, publicado na Revista Renovação, em 1931, vemos que a autora Penélope M. dos Santos inicia seu discurso mostrando-se disposta a

esclarecer o equívoco que existe em se confundir educação com instrução, como bem afirma nesse fragmento *“iniciarei este ligeiro estudo, por mostrar ás minhas caras patrícias que erramos confundindo educação com instrução. Tal confusão tem retardado o aperfeiçoamento da civilização brasileira. Não se pode sobrepor a base ao edifício”*. (PENELOPE, 1931, p. 18).

A autora segue seu discurso assegurando que a educação é a base da cultura humana e que a influência da mulher na sociedade é educar (pois Deus a escolheu para isto) – “educar as crianças, os jovens e os adultos”. Em AD, o discurso mantém uma relação constante entre formações discursivas e formações ideológicas; essa ligação torna possível a manifestação do interdiscurso (a memória do já-dito). Pode-se ver, no discurso de Penelope, um primeiro ponto de confronto: uma afirmação (“a influência da mulher na sociedade é educar”) que vai de encontro à ideologia predominante de sua época: o lugar da mulher era em casa, cuidando das tarefas domésticas e dos filhos.

A mulher que assume sua condição afirmando que seu papel na sociedade é o de educar, em certo ponto corrobora com a ideologia vigente, neste caso, a do patriarcalismo, que afirmava que a mulher tinha a obrigação de educar os filhos; limitando suas funções ao espaço doméstico, em outro, vai além, ao transpor os limites do lar e projetar-se na sociedade, confrontando-se com o estabelecido.

Conforme as mulheres foram tomando consciência de suas aptidões, elas levantaram sua voz contra formações ideológicas dominantes e resistem através de seus discursos. Neste outro fragmento percebem-se “marcas de resistência”:

o feminismo que eu espôso, brasileiras, é aquelle que leva a mulher a intervir na sociedade, nesta hora sombria, afim de ajudar o homem a acertar com o verdadeiro caminho da vida. Cômscias da excelsa missão dada por Deus á mulher – “ajudadora do homem”, desempenhemo-la com um feminismo sobranceiro, diffundindo a educação desde o lar, á função mais nobre e elevada que venhamos a exercer no seio da sociedade. (...) Combatendo-se a pratica nociva entre nós de entregar ao cuidado improprio de governantes ou criadas, a cultura physica, moral e espirital dos nossos filhos no despontar da existência, a phase mais propicia da vida humana para gravar as impressões duradouras (Revista Renovação, 15/06/1931, ano I, número 12, p. 18).

Como se vê, o discurso de Penelope apresenta, em sua formação discursiva, a presença de verbos (difundir, esposar e desempenhar) que são pistas que denunciam as marcas de

alguma resistência, posto que é através desse tipo de recurso lingüístico (o uso de verbos de ação) que propõe enveredar na sociedade cumprindo seu papel de educadora . Em seu texto, contudo, Penelope utiliza-se também de outras F.D. de ordem religiosa que respaldavam o discurso patriarcal, ao dizer que ajudar o homem é uma “excelsa missão dada por Deus à mulher”. Se por um lado ela se propõe sair do lar e adentrar na sociedade como educadora, por outro, ela não se desvincula de seu papel de companheira e mãe, o que nos leva a perceber que a mulher ainda oscila em suas posições, como se não soubesse exatamente o que quer.

O direito à educação, principalmente de nível superior, era um forte desejo das mulheres sergipanas, visto que somente uma parcela mínima da sociedade tinha a possibilidade de freqüentar escolas. Todavia no início da década de 1930, em discursos da Revista Renovação percebe-se que enquanto algumas mulheres elevavam sua voz para pleitear espaço na educação (ter acesso a mais escolas e à faculdade), outras tinham discursos voltados à propagação do valor da mulher na educação doméstica, como podemos ver no próximo segmento discursivo:

a educação doméstica, base da cultura intellectual e da solidariedade social, nasce ao lar; germina, cresce e fortifica-se no coração da criança, sob influencia e sabia direção da boa mãe de família [...] A mãe de família, cumpridora dos seus deveres, soberana do lar, onde a ordem, a higiene e a tranquilidade abitam, desenvolve a sua atividade, amor e cuidado, não só no que se relaciona à conservação da saúde de seus filhos, como também nos princípios rudimentares da civilização, tão útil e apreciada na sociedade [...] A criança como é natural, a par das graças infantis cheias de inocência, possui numerosos defeitos, que devem ser corrigidos desde a mais tenra idade. Nem todas demonstram a mesma índole o que praticamente se conhece quando entretidas nos brinquedos; portanto necessário que em auxilio delas venha à solicitude materna, aconselhando-as admoestando-as se preciso for, para torná-las aptas na vida social. (Revista Renovação, 01/10/1931, ano I, número 18, p. 19).

De autoria de Celeste Assis Brasil, o trecho supracitado mostra claramente como a educação doméstica ainda era bastante privilegiada e enraizada nos discursos de muitas sergipanas. No enunciado “a educação doméstica, base da cultura intellectual e da solidariedade social, nasce ao lar; germina, cresce e fortifica-se no coração da criança, sob influencia e sabia direção da boa mãe de família” leva-nos a perceber, de forma implícita, um interdiscurso cuja ideologia é patriarcal, que vê a mulher como responsável somente por cuidar do lar e da família.

O discurso acima entra em divergência com outros discursos que circulavam na época, em que as mulheres iam de encontro à ideologia vigente, de maneira a confrontá-la, buscando

mostrar que ela tem direito à educação porque também é dotada de inteligência e que merece direitos iguais aos homens. Vejamos abaixo o discurso de Ítala da Silva:

(...) Reclamo e reclamarei sempre a instrução para a mulher, a pretensa inferioridade da mulher repousa na falta de instrução! (...) Faz-se mister que o figurino de modas seja substituído pelo livro que instrui. (...) O homem só será bom e perfeito quando a mulher formar o seu caráter, depois de bem instruída e educada. O Feminismo não é uma força que se levanta contra o homem, é a voz da mulher instruída, que aspira um lugar ao lado de seu companheiro, a fim de participar dos seus trabalhos, das suas dores e das suas alegrias. (Diário da Manhã, 28 de abril de 1916, Ano IV, n.2, p. 2).

No discurso de Ítala, verifica-se uma voz feminina altissonante que se levanta contra a ideologia patriarcal que julgava que “lugar de mulher era em casa” e que seus únicos papéis eram a maternidade, o companheirismo para com o marido e a administração do lar. Ítala conclama as mulheres a exercerem uma função social e lutarem por uma causa: a do analfabetismo. Defende o feminismo como uma voz da mulher instruída que aspira por igualdade de tarefas e de aspirações, utilizando uma formação discursiva feminista, contrária às posições seculares dos homens que contribuíram para manter, durante todo o período colonial e imperial, o papel secundário a elas atribuído.

Publicado ainda no mesmo jornal, em junho de 1916, um outro artigo “Revista Feminina”, no qual Ítala se referiu ao papel conquistado pelas mulheres que sentiam a necessidade de dedicar-se a outras atividades, acompanhando as mudanças sociais e esclarecendo a ideia corrente de incapacidade feminina:

(...) Que a mulher é capaz de, condignamente influir nos problemas sociais; que, ella, quando instruída, prova tão bem como seu companheiro, é um fato real e palpável, que se nos apresenta tão claro como claros são os raios de sol nos dias estivaes. Antigamente constituía excepção a mulher que na literatura ou em qualquer outro ramo do saber humano se destacasse; hoje não (...) É que ella comprehendeu que assuntos mais importantes que o debatido problema do amôr, reclamam a sua atenção. As multiplas transformações, que com o correr dos tempos, se vão operando nas sociedades, lhe fazem ver a necessidade que tem de applicar sua actividade melhor do que a tem aproveitado até agora. (Diário da Manhã, 23 de junho de 1916, Ano VI, p. 1-2).

Ítala, sem dúvida alguma, foi uma mulher esclarecida e ativa, que enxergava além, pois previu o importante papel que a mulher teria a exercer na futura sociedade. Hoje, vemos como através de suas lutas, as mulheres ocuparam espaços, revelando aptidões as mais diversas.



## Considerações finais

É possível observar, até o dado momento da pesquisa, que os discursos femininos revelam alguns pontos de divergência à medida que vão de encontro à ideologia dominante, mas outros ainda não conseguiram se desvincular dela, pois, em suas formações discursivas, deixam entrever um interdiscurso que nos remete ao patriarcalismo. Outras mulheres, entretanto, assumem posições que denunciam uma forte indignação frente ao sistema patriarcal, e que as faz romper o silêncio imposto pela sociedade.

Através de seus discursos, publicados na Revista Renovação e em outros periódicos, as mulheres proclamam suas condições e limitações, ao mesmo tempo em que reclamam direitos que lhes são negados, sobretudo o direito à educação. Em suma, os discursos femininos da época, apresentam pontos de vista díspares sobre a educação feminina, mas manifestam uma ousadia que fugia aos costumes da época, quando elas confrontavam suas posições contrárias a de seu meio social e clamavam por igualdade de direitos e espaço na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. H. N. Introdução à Análise do Discurso. Campinas: Unicamp, 2004.
- DANTAS, I. História de Sergipe: República (1889-2000). Rio de Janeiro: TEMPO BRASILEIRO, 2004.
- FREITAS, A. G. B. d. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. (Qualificação de tese para Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2003.
- MARIANI, B. A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise. São Carlos: Clara Luz, 2006.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Unicamp, 1988.

## JORNAIS DE SERGIPE

Diário da Manhã, 28 de maio de 1916, Ano VI.

Diário da Manhã, 28 de abril de 1916, Ano IV.

Diário da Manhã, 23 de junho de 1916, Ano VI.

## REVISTA “RENOVAÇÃO”

Revista Renovação. Ano I. 15 de junho de 1931. Nº 12. Aracaju: Casa Ávila.

Revista Renovação, Ano I. 1º de outubro de 1931. Nº 18. Aracaju: Casa Ávila.

## Nota

---

<sup>i</sup> Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe. Aluna bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq (2011-2012). Título do projeto em andamento: Práticas discursivas femininas em Sergipe de 1932 a 1950. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos da Linguagem e Ensino. [Jaquelinefontes21@gmail.com](mailto:Jaquelinefontes21@gmail.com).

<sup>ii</sup> Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas. Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Núcleo de Pós- graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos da Linguagem e Ensino. [marialeoniagarcia@yahoo.com.br](mailto:marialeoniagarcia@yahoo.com.br).